

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA**

LEONARDO KOSLOWSKI MOREIRA

**JIM & JAMES:
UM ESTUDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA TROCA INTERPESSOAL NO PROCESSO
CRIATIVO**

**PORTO ALEGRE
2023**

LEONARDO KOSLOWSKI MOREIRA

JIM & JAMES

UM ESTUDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA TROCA INTERPESSOAL NO PROCESSO CRIATIVO

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teatro.

Área de Habilitação: Interpretação Teatral

Professora Orientadora: Ana Cecília de Carvalho Reckziegel.

Porto Alegre

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Moreira, Leonardo Koslowski
JIM & JAMES: UM ESTUDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA
TROCA INTERPESSOAL NO PROCESSO CRIATIVO / Leonardo
Koslowski Moreira. -- 2023.
54 f.
Orientadora: Ana Cecília de Carvalho Reckziegel.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Teatro: Interpretação Teatral,
Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Teatro. 2. Relações. 3. Perda. I. Reckziegel,
Ana Cecília de Carvalho, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS:

Eu tenho somente a agradecer a todas as pessoas envolvidas de alguma forma no processo. À Cláudia Carvalho, minha companheira dos palcos e da vida. Que esteve comigo em todos os melhores e piores momentos. Ao Tiago Ries, que foi o irmão de mesma massa cósmica que encontrei e que viveu e co-criou essa aventura ao meu lado. Ao Júlio Estevan e ao Maurício Estrázulas que toparam embarcar nessa peripécia. À Ana Cecília Reckziegel, minha orientadora, que abraçou e encorajou nossas loucuras e foi um pilar sólido no mantimento da ordem e da progressão da peça. À Júlia Kieling e à Pati de la Rocha por comporem a nossa equipe técnica. Ao Lúcio Luis pelo desenho de Luz. Ao Jean Pierre Kruze pela arte do cartaz. Ao Tiago Tubiello, pelo arranjo da música de apresentação do Jim. À Lu Trento pela assessoria na parte dos figurinos. À Angelise Armiliato pela maquiagem do pai. Ao Gabriel Botelho pelas fotos. Ao Fanael Gonçalves pela gravação e edição de vídeo. Á BAITA BIER, à CARANGA autodemolidora e ao bar MADRUGAS pelo apoio com as bebidas e a direção do caminhão. E a todas as outras pessoas que participaram de maneiras mais indiretas, ouvindo sobre a peça em conversas pelos bares, dando opiniões , indo nas apresentações, enfim, obrigado.

Em memória de Silvia e Vera

RESUMO:

Esse trabalho de conclusão do curso de interpretação teatral da UFRGS fala sobre o processo de criação do espetáculo Jim & James desde sua concepção, até a escrita de sua dramaturgia e sua apresentação na sala Qorpo Santo. Uma peça que foi construída sobre pilastras de perda e dor e que se sustenta em vigas de companheirismo e afeto. A análise e a reflexão, perante a jornada e os resultados atingidos, estão galgadas nas trocas e nas relações consolidadas com as pessoas que cruzaram nosso caminho e, também, com os espectadores. Fazendo com que, não só o processo, mas a obra em si, seja algo vivo e em constante mutação.

Palavras-chave: teatro; relações; perdas.

ABSTRACT:

This final paper for the theatrical interpretation course at UFRGS talks about the creation process of the show Jim & James, from its conception, to the writing of its dramaturgy and its presentation at the Qorpo Santo room. A piece that was built on pilasters of loss and pain and that is supported on beams of companionship and affection. The analysis and reflection, in view of the journey and the results achieved, are based on the exchanges and relationships established with the people who crossed our path and, also, with the spectators. Making, not only the process, but the work itself, something alive and constantly changing.

Keywords: Theatre; Relationship; lost.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
1 O NASCIMENTO.....	07
2 A PERDA.....	09
3 DECISÕES.....	12
4 CORPO NO CHÃO.....	13
5 ESTRUTURAÇÃO.....	15
6 ENTENDENDO AS NECESSIDADES.....	19
7 ABAIXANDO A CABEÇA E TRABALHANDO.....	22
8 RETA FINAL.....	25
9 RESULTADO.....	28
10 CONCLUSÃO.....	32
REFERÊNCIAS.....	35
ANEXOS.....	37
PEÇA JIM & JAMES NA ÍNTEGRA.....	39

INTRODUÇÃO

Escrever esse TCC, assim como fazer essa peça, não é algo fácil para mim. Não somente pelas dificuldades acadêmicas e burocráticas das quais tenho pavor e, definitivamente, têm sido empecilho para mim durante toda a trajetória dentro do curso de interpretação. Mas também pelo exercício de viver e reviver a coisa que mais dói dentro de mim: A perda da minha mãe.

Não vou me alongar aqui e descrever com detalhes como era nossa relação e todas as coisas maravilhosas e incríveis que passamos juntos. Sintetizo tudo isso apenas afirmando que nos amávamos incondicionalmente e éramos melhores amigos. Ela lutou durante 20 anos contra um câncer no sangue (Linfoma) e no fim de sua vida passou boa parte de seu tempo no leito de um hospital. Essa doença ardilosa e sorrateira se manteve furtiva em seu organismo desde 1998. Vez que outra apareciam pequenas alterações em exames, mas nada tão preocupante de fato.

Em 2015, foi a primeira vez, depois de adulto, que vivenciei junto da minha mãe, essa luta contra o câncer. A alteração nos exames foi bem mais significativa. Muitos outros exames foram necessários. Tratamentos como rádio e quimioterapia foram iniciados e, não muito tempo depois, ocorreu a sua internação. Pela primeira vez na vida, eu me deparei com o medo e a possibilidade de perdê-la.

Foi nesse mesmo ano em que conheci o Tiago Ries, conhecido por todos como “Tiagão”. Uma figura ímpar e que jamais conseguiria passar despercebido por nenhum lugar onde passa. A primeira coisa que nos aproximou foi a semelhança física. Dois homens robustos, grandes, cabeludos e barbudos. Bastante expansivos e espalhafatosos, os dois “ursos” logo se deram muito bem. Isso, por si só, já seria o suficiente para consolidar uma amizade. Porém, em pouco tempo, eu soube algo sobre ele que me tocou profundamente. Cerca de poucos meses antes ele havia perdido sua mãe pela mesma doença maldita que vinha assolando a minha. No caso dela foi tudo muito mais rápido. Não houve uma luta ferrenha ao longo dos anos, nem

um medo iminente de que o pior estivesse por vir. Foi algo que aconteceu de maneira rápida e rasteira, mas ainda assim cruel e avassaladora.

Ao saber desse fato, e compartilhar com o Tiago a situação que estava vivendo, nos tornamos irmãos. Irmãos na dor da perda, irmãos no medo de perder, irmãos na força para lutar, irmãos no ímpeto de seguir em frente.

A amizade é isso,

É a briga, a divergência,

A reconciliação e urgência,

É algo acima da razão,

É o amor em plena consciência.

Herbert Marcondes

1 O NASCIMENTO

Ao longo dos anos, eu e o Tiago acabamos passando muito tempo juntos. Tínhamos diversas aulas da faculdade em comum e algum tempo entre aulas também. Trabalhamos juntos em uma peça que chamava “Marat-Sade: Perseguição e Assassinato de Jean-Paul Marat” (WEISS, 1964). Falávamos muito sobre teatro, sobre ideias, sobre projetos e, principalmente, usávamos nosso tempo livre para tomar uns traguinhos no bar Madrugas, na Av Salgado Filho, bem próximo ao DAD e também para fumar uns cigarros em praças da redondeza. Nessas situações, onde estávamos exercendo a possibilidade de viver, foi onde a dramaturgia da peça Jim & James começou a surgir.

O fluxo elevado de pessoas nesses locais, somado ao nosso jeitinho pouco discreto de existir, fazia com que rolassem muitas trocas com todo o tipo de pessoa. Bêbados aleatórios dos bares, que ao passar do tempo deixaram de ser tão aleatórios assim. Pessoas em situação de rua que paravam para pedir algo e acabavam nos atravessando com alguma história ou sendo atravessados pelas nossas. Colegas que, devido a uma fila gigantesca do Restaurante Universitário (RU) matavam um tempo com a gente e também eram envolvidos nas nossas concatenações. No meio de tudo isso, uma pergunta foi se tornando recorrente: “Vocês são irmãos?”

Possivelmente na segunda ou terceira vez que ouvimos essa pergunta, a resposta passou a ser afirmativa, e o que vinha depois era puro jogo de improviso entre dois atores que, em cumplicidade, criavam histórias de um passado compartilhado, transformando uma conversa banal em um verdadeiro Teatro Invisível (BOAL, 1970). Naquele momento ainda não sabíamos, mas a peça já estava acontecendo. Estava se materializando em nossos imaginários e se transfigurando a partir de cada uma dessas interações. O fato de estarmos compartilhando aquele momento, coexistindo em harmonia, nos presenteava com a qualidade do presente, fazendo de cada troca um acorde na melodia desse processo.

[...] tempo de vida em comum que atores e espectadores passam juntos no ar que respiram junto daquele espaço em que a peça teatral e os espectadores se encontram frente a frente [...] uma vez que virtualmente o olhar de todos os participantes podem se encontrar, a situação do teatro constitui uma totalidade de processos comunicativos evidentes e ocultos”(LEHMANN, 2007, p. 18)

Ouso me colocar ao lado de Lehmann e, humildemente, complementar sua fala, ao dizer que: - Acredito que, em qualquer âmbito de relações sociais, existe uma dramaturgia pulsante e vigorosa, que se sustenta independente de um olhar dramatúrgico. Porém, se esse olhar for inserido, não com intuito de registro mas sim com a intenção de ampliar a percepção e a perspectiva do que se está ao redor, deixando-se atravessar por isso, cada experiência vivida se tornará uma inesgotável fonte de inspiração.

Eu não saberia dizer com precisão quais foram as primeiras histórias a serem criadas. Lembro de muitas vezes ser somente um relato pessoal, de algo que nos aconteceu, porém com a inserção do outro irmão no fato, mudando sutilmente o ocorrido, às vezes só com sua presença, outras vezes mudando o fato por completo com suas ações. Lembro claramente que, desde o início, a figura do pai desses irmãos foi surgindo. Um sujeito bonachão, caminhoneiro, que viajava por todo esse Brasil de meu deus vivendo e contando “causos” que, posteriormente, eram compartilhados com os filhos e a esposa. Isso quando os mesmos não estavam presentes, viajando junto no caminhão, e vivenciando os mesmos momentos. Um dos grandes pilares da criação desse pai e, mais além, da mãe também, foi uma canção de quatro versos que eu e o Tiago, na companhia da nossa colega e amiga Juliana Strehlau, criamos em uma das tantas mesas de bar em que estivemos.

***Mas depois do caminhão,
e sem nenhuma dúvida,
se sentou ao meu lado,
a legítima esposa***

Koslo & Smith

2 A PERDA

O final de 2018 e o início de 2019 são o pior e mais amargo recorte de tempo que eu tive o desprazer de viver. Como toda boa trama, era necessário que houvesse uma ascensão antes da queda derradeira. Tudo seguia de maneira muito positiva. Foi um ano de muito trabalho, muitas peças. Lembro de estar trabalhando em pelo menos seis projetos simultaneamente. Me apresentei muitas vezes e tenho o privilégio de dizer que tive a presença da minha mãe em todas ou quase todas as apresentações. Num desses tantos projetos, reencontrei minha colega de barra Cláudia Carvalho que,

sem dúvida, se tornou o ponto alto de todo esse período e de tudo que virá pela frente, pois hoje, mais de quatro anos depois, tenho o prazer de dividir minha vida, minhas conquistas e minhas perdas com ela, que é a melhor companheira que uma pessoa pode desejar.

Como podem imaginar, essa breve sensação de felicidade foi dando espaço a muita preocupação. Sempre tive hábitos mais noturnos e por diversas vezes varei a madrugada no meu computador alternando entre jogos, séries e pequenos lampejos de criações artísticas que surgiam entre uma coisa e outra. Lembro de muitas dessas noites serem cruzadas por tosses incessantes vindas do quarto ao lado e constantes levantadas da minha mãe pois não lhe era permitida a graça do sono. Não muito tempo depois os exames decretaram a necessidade de um tratamento mais agressivo. Somente remédios não eram mais suficientes e deram lugar a dupla macabra, rádio e quimioterapia.

Não preciso e nem quero discorrer sobre o desgaste e a decadência de uma pessoa submetida a passar por esses tratamentos. Somente a lembrança não materializada já me é mais do que penosa. O importante é saber que, a partir de então, o hospital passou a ser parte do meu trajeto diário e que os poucos momentos que tivemos juntos em casa eram de muita apreensão. Eu estava prestes a entrar em cena, em uma peça chamada Lilás, dirigida pelo Luciano Alabarse, que era apresentada no porão do teatro Renascença, quando recebi uma ligação da minha mãe informando que ela precisava, novamente, baixar hospital. Essa seria sua última internação. Cerca de dois ou três meses mais tarde, depois de muita luta, no dia 28 de maio de 2019 a jornada mundana e material de Silvia Koslowski se encerrou.

Eu vi um arco-íris que se desfez em 0,48 milésimos de segundos

Vi também dois golfinhos nadando lado a lado

Peguei na minha mão direita tudo aquilo que sobrava

No vento ecoei meu choro e nele entreguei tudo aquilo que sobrava

Tudo aquilo que sobrava.. Tudo aquilo que sobrava...

Eu acho que não sei mais sonhar

*Vi um arco-iris e dois golfinhos e acho que não sei mais sonhar
Ontem eu me lembrei de uma receita vegetariana e esqueci
como é que sonha
Dormir eu sei, eu quero e sou sono
Ontem foi um dia estranho, mas hoje também
Amanhã é outro dia, provavelmente estranho também
O tempo é tosco
Mas porque ele se faz tosco
Faz tempo que eu não vejo uma rosa branca e nem o meu
queixo
O tempo é uma coisa tosca
Não ando comendo direito e tenho bebido bastante, tenho
dormido bastante e quase não sonhei
Sempre quis saber a sensação de respirar em grandes
altitudes, mas não sonho com isso
Só respiro..
Na minha altitude normal, cerca de uns dez metros acima do
nível do mar
Respiro normal, como sempre
Acho que vou seguir respirando*

Leonardo Koslowski

3 DECISÕES

O luto, o sentimento de perda, a solidão, são sensações difíceis de serem explicadas. Creio que somente quem tenha passado pela morte de um ente querido saiba como são essas sensações. Porém, em contrapartida, quem nunca passou por isso? E quem não passou, com certeza vai passar. Pois, de maneira menos romântica e sentimental possível, o fato é que a morte é o caminho natural da vida. Estamos cercados de pessoas mortas e de pessoas que um dia morrerão. Nossas maiores referências são pessoas mortas ou que um dia morrerão. Eu mesmo, sou uma pessoa morta e que um dia morrerei. Esse pensamento foi se consolidando em mim a partir dos eventos supracitados e muito remexidos devido aos anos seguintes (2020 e 2021) nos quais a morte se tornou ainda mais corriqueira na vida de todos, com a chegada da pandemia de COVID-19, à qual não irei dedicar mais do que uma frase neste relatório pois creio já ter sido bastante dissecada por colegas e por outros profissionais. A reflexão sobre isso tudo foi necessária para que o tema central da peça surgisse e, desse ponto para frente, o processo de montagem tivesse o seu tão esperado início formal.

Foi decidido, por nós, Tiagão e eu, que a peça se desenvolveria a partir do reencontro de dois irmãos, que não se veem há muitos anos, e que, devido ao recente falecimento do pai, decidem se encontrar antes do velório. Além disso, muitas das histórias individuais dos dois irmãos e da personalidade deles já existiam na gente. Fruto das diversas improvisações que fizemos espontaneamente desde sempre e também de algum trabalho à distância desenvolvido antes dos ensaios presenciais. Trabalhos esses que consistiam em ligações, por vídeo ou não, e troca de mensagens constantes. Sempre pensando em desenvolver mais as individualidades das personagens e também da história que estávamos criando.

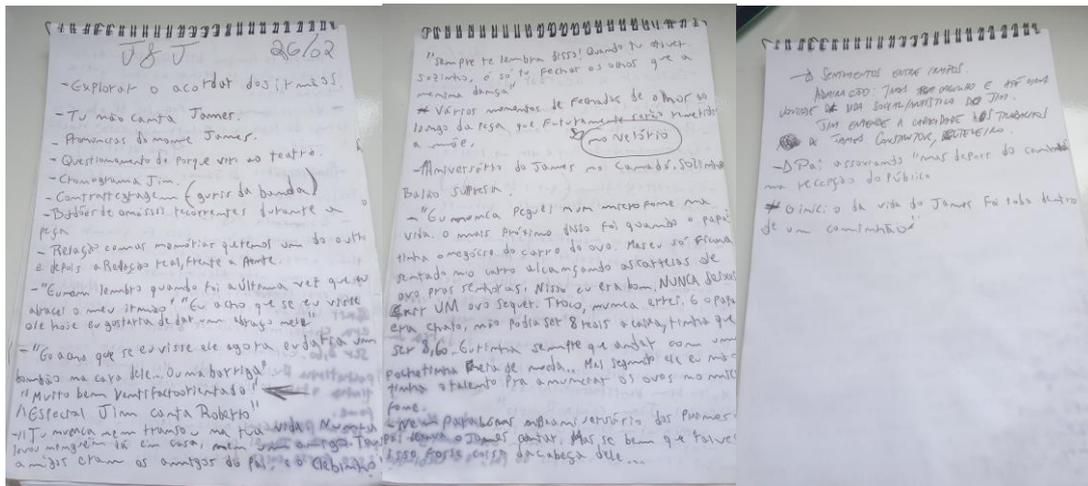
Fazíamos perguntas um ao outro sobre momentos específicos da vida das personagens. Pensávamos em como seria essa relação de duas pessoas que não sabem mais nada um sobre o outro. E que, além de terem que velar seu pai, precisam velar seus verdadeiros sentimentos para os outros, e para si mesmos. Nessas conversas decidimos que criaríamos em conjunto a dramaturgia e que faríamos, juntos também, a direção do espetáculo, pois sentimos que todo o conteúdo já criado estava muito emaranhado com nossas próprias vivências e trocas.

Ficou claro para a gente que não existia uma barreira nítida entre o que eram as experiências das personagens e o que eram as nossas. Sabíamos que nossa concepção tinha criado corpo, mente, alma, eã, deixou de caber em nós e passou a nos transbordar, ultrapassando todas as delimitações do “eu” e do “nós”, e isso nos proporcionou a liberdade necessária para que o trabalho acontecesse. Como diria Anne Bogart, “O ator que decide considerar seu personagem menor do que ele próprio raramente experimentará qualquer coisa que já não lhe seja familiar. [...] A postura que permite que o personagem seja maior que a experiência do ator resulta em uma aventura de possibilidades ilimitadas” (BOGART, 2011, p.119)

4 CORPO NO CHÃO

Eu e o Tiagão estávamos com muita, mas muita fome de trabalhar novamente. Então, naquele sábado, 26 de fevereiro, a gente foi para o chão. Chegamos cedo, por volta das 9 horas, e de imediato, assim como fazíamos em todas as aulas e trabalhos, fizemos uma longa sessão de alongamentos e aquecimentos, físicos e vocais. Não houve condução alguma, apenas um fluxo de dois colegas que sabem do que precisam para deixarem seus instrumentos de trabalho aptos para sua jornada começar. Após isso, passamos a fazer o que fazemos de melhor: Criar.

Como nos propusemos a escrever e dirigir a peça, nossos ensaios e momentos de criação eram sempre intercalados com pausas para anotações e para debater os materiais que começavam a surgir.



Fotos das anotações do primeiro dia de ensaio (Leonardo Koslowski)

Foi uma enxurrada de conteúdo. Devido ao trabalho feito previamente e a gana por trabalhar, tivemos um primeiro dia lotado de ideias e pensamentos que viriam a se tornar partes estruturais do processo como um todo. Trabalhamos demais nas questões dos subtextos da personalidade das personagens. Como era o dia de cada um e o acordar de cada um? Seus maiores prazeres e desejos? Suas maiores dores e medos? Como se davam as relações com terceiros e de um com o outro? Com o que cada um trabalhava? Eles mantinham contato enquanto estavam longe? Como era a relação com o pai logo antes da sua morte? O que esse afastamento causava neles internamente? Como seria se eles se encontrassem agora? O que aconteceria? Quais eram as memórias que mais marcaram eles? O que aconteceu para eles chegarem onde estão agora? Enquanto a gente improvisava para tentar responder essas perguntas, muitas outras iam surgindo. Mas também iam surgindo vontades e, com elas, certas coisas acabaram sendo fixadas.

Não definimos, de fato, um planejamento de ensaios, um cronograma ou algo do tipo, contudo, ficou latente desde o início a necessidade de um olhar de direção diante dos materiais criados. Essa função se diluiu entre nós de uma maneira muito interessante e fluida. De forma que sempre havia consenso no que seria mantido ou não e com muita escuta e diálogo como base dessa troca.

É importante lembrar que o trabalho de um diretor, como o de qualquer artista, é intuitivo. Muitos diretores jovens cometem o grande erro de supor que dirigir é controlar, é dizer aos outros o que fazer, ter ideias e

obter o que se pede. Não acredito que essas habilidades sejam as qualidades que façam um bom diretor ou um teatro estimulante. Direção tem a ver com sentimento, com estar na sala com outras pessoas; com atores, com designers, com um público. Tem a ver com a percepção de tempo e espaço, com respiração, com a reação plena à situação dada, com ser capaz de mergulhar e estimular o mergulho no desconhecido no momento certo. (BOGART. 2011, p.89)

Na minha concepção, essa frase da Anne Bogart exprime muito bem uma visão saudável de um diretor e, com certeza, serve de incentivo para práticas mais humanizadas e, até mesmo, afetuosas. Penso que o complemento perfeito para essa afirmação, é a frase de Peter Brook ao dizer que:

Desde o início, ele (o diretor) deve ter o que chamo de pressentimento sem forma, isto é, uma espécie de intuição indistinta, mas poderosa apontando para uma forma básica, que é a fonte da atração que a peça exerce sobre ele. O que o diretor mais precisa desenvolver em seu trabalho é o sentido da escuta. [...] é a capacidade de escutar que o deixará constantemente insatisfeito, ora aceitando ora rejeitando soluções, até que de repente seu ouvido escuta o som secreto que estava aguardando e seu olho vê a forma oculta que tanto esperava (BROOK, 1999, p. 20).

5 ESTRUTURAÇÃO

Fomos bastante diretos ao determinar que a peça seria dividida em 3 atos. O primeiro deveria ser a apresentação dos dois irmãos e da trama que iria envolvê-los. Mostrar como cada um se comporta e qual a situação de vida atual deles. O segundo seria o ato do reencontro. A primeira vez que os dois se veem depois de muitos anos distantes. Apresentar como, de fato, se dá a relação deles. Introduzir os motivos do afastamento e as memórias de um passado compartilhado. E o terceiro, último e derradeiro, seria o velório. O motivo principal do encontro dos irmãos. A figura do pai, prestes a ser enterrado, trazendo à tona tudo que havia remanescido na podridão da existência de ambos.

Para a apresentação do personagem James, interpretado por Tiago, buscamos a frieza de um ambiente industrial, opressor, onde tudo é monitorado a todo momento. Um funcionário extremamente competente, que produz acima de qualquer média de produção, que reflete, consigo e com as câmeras de segurança, sobre seus gostos pessoais exóticos enquanto discorre, detalhada e repetidamente, o seu trajeto até o seu local de trabalho e seus afazeres para encerrar o seu horário laboral.



James afiando sua décima sétima faca do dia (Gabriel Botelho)

Já para a apresentação do Jim, interpretado por mim, queríamos justamente o oposto. Um ambiente completamente descontraído, totalmente sob controle de Jim, que manda e desmanda em como as coisas devem ocorrer. Um legítimo showman,

que apresenta o seu espetáculo enquanto canta, dança e faz de tudo para entreter o seu público.



Jim em sua entrada musical (Gabriel Botelho)

Esses dois momentos foram sendo criados ao longo de todo o processo e, junto deles, era necessário encontrar o elo entre as cenas. E estava na nossa cara o tempo inteiro. Uma ligação. Jim, é o responsável por dar a notícia para seu irmão sobre o falecimento do pai. Além, é claro, de não querer enterrá-lo sozinho. Jim fazia questão da presença de seu irmão, mesmo sem saber o que esperar desse reencontro. James, por outro lado, está trabalhando no fim de semana e ignora as ligações recebidas pelo telefone da empresa por acreditar que seria somente mais trabalho. Até que a insistência gera um desconforto, que provém da certeza de que a notícia que acompanha a ligação certamente será devastadora.

Para o ato 2, do reencontro entre os irmãos, decidimos facilmente que precisava se passar em um bar. Tiago e eu criamos boa parte da dramaturgia no bar, nos reuníamos no bar para discutir sobre a peça, e para almoçar, descansar.

Queríamos trabalhar da maneira mais livre possível nesse ato. Fazendo uma grande miscelânea entre o momento real do reencontro dos irmãos, as memórias do passado deles, na sua infância e adolescência junto dos pais, momentos musicais e o conflito na família que levou ao afastamento deles. Era o ato onde precisava ser inserido o máximo de informações, para dar conta de transmitir ao público todas as ideias e complexidades do universo criado por nós, contudo sem atordoá-los com excessos e afobações. A criação desse ato também se deu ao longo do processo, sendo o mais longo dos três.



O Bar (Gabriel Botelho)

A ideia para o último ato foi um tanto quanto ousada. Firmamos no desejo de realizar um velório em cena. Queríamos um caixão, velas, coroa de flores, cestas de flores, lembrancinhas de velório, cachaça e, é claro, um morto. Queríamos também, que os convidados do velório fossem as pessoas da platéia, que elas subissem ao palco, assinassem a lista de presença e prestassem suas últimas homenagens ao recém falecido Jorge Onássis. Era o momento para jogar com o público e nos deixar inebriar por suas reações e ações ao embarcarem, ou não, na proposta de assumir a figura de um ente querido num momento tão delicado para a família.

[...]foi determinante para a estética teatral o deslocamento da obra para o acontecimento. É certo que o ato da observação, as reações e as “respostas” latentes, ou mais incisivas dos espectadores desde sempre haviam constituído um fator essencial da realidade teatral, mas nesse momento se tornam um componente ativo do acontecimento, de modo que a ideia de uma construção coerente de uma obra teatral acaba por se tornar obsoleta: um teatro que inclui as ações e expressões dos espectadores como um elemento de sua própria constituição não pode se fechar em um todo nem do ponto de vista prático nem teórico. Assim, o acontecimento teatral torna explícitas tanto a processualidade que lhe é própria quanto a imprevisibilidade nela implícita” (LEHMANN, 2007, p.100) .

6 ENTENDENDO AS NECESSIDADES

Tendo em mente a estrutura que queríamos, os ensaios decorrentes foram segmentados em: **conversas iniciais**, nas quais ficavam pré-definidas algumas ideias para cenas e acontecimentos; **improvisações**, que eram direcionadas à partir do que conversávamos mas também com toda a liberdade de ir para qualquer lugar e destrinchar novas possibilidades, pois muitas vezes, nesses momentos de improvisação surgiam muitos traços e trejeitos dos irmãos e inúmeras possibilidades de relações de sentimentos que os dois poderiam ter ou não; **repetição e fixação**.

Desde o início foi uma decisão nossa fixar cenas que a gente gostava e repeti-las várias e várias vezes, explorando suas minúcias, para aprofundar cada vez mais nossa visão sobre cada elemento presente nelas e, ao mesmo tempo, “avançar” na criação da peça, pois ensaiávamos apenas aos sábados e era necessário ter um bom ritmo de trabalho para terminar dentro do prazo escolhido.

A música foi um ponto chave na composição da peça como um todo. Tanto eu, quanto o Tiagão temos uma relação muito especial com a música e sabíamos que ela deveria estar presente, não somente como trilha, mas também tocada e cantada.

Nosso primeiro desejo era ter uma banda ao vivo. Nós temos amigos que tocam, eu já tive uma banda, seria lindo. Chegamos a convidar o pessoal, fazer um grupo no whats. Selecionamos uma bela playlist que foi compartilhada entre todos. Mas faltou organização da parte da produção do espetáculo (vulgo eu) e não tivemos nem a oportunidade de nos juntar de fato para ensaiar e fazer algo legal.

Com isso, ao passar do tempo, a ideia da banda passou a ser somente um sonho distante e decidimos aproveitar a ótima playlist que selecionamos para ser a nossa trilha e, para outros momentos, que eu tocava no violão ou cantaríamos à capella algumas músicas. O que no fim, acredito que deu até um tom um pouco mais intimista para a peça.

Além da banda, que não existiu, nosso desejo era que houvesse um ator para interpretar o nosso pai morto. Essa era uma função de extrema importância para o arremate final que pretendíamos ter, com o público participando do velório. Além do mais, a figura do pai sempre foi um dos grandes alicerces de toda a nossa dramaturgia. O pai era muito presente para gente na criação e precisava estar presente na cena. Jorge Onássis, o pai, talvez tenha sido o personagem ao qual mais dedicamos atenção, não só ao longo do processo, mas, também, na criação pré-processo.

Um homem como qualquer outro, trabalhador, humilde, apaixonado pela vida e por suas eventualidades. Adorava um churrasquinho com um trago. Freqüentador assíduo de qualquer bar que encontrasse. Um artista de alma, amante dos bons rock's clássicos internacionais e gaúchos, que mostrava sua arte através da música e da performance. Em suas viagens de caminhão pelo Brasil se expressava, e complementava sua renda, com números musicais que apresentava *in Drag*. Era livre de diversos preconceitos e certos pensamentos condicionantes, ao mesmo tempo que queria a melhor vida para seus filhos. Muitas vezes acabava reproduzindo certos tolhimentos e projeções para criar um humano perfeito, cuja sociedade à sua volta, demonstrava ter como exemplo.

Para essa função chamamos o Maurício Estrázulas que havia participado de uma montagem chamada Andorra, no teatro Goethe, junto do Tiagão e, desde então,

tornamo-nos amigos e, tanto pela idade quanto pela semelhança física, além de seu carisma excêntrico, se mostrou a melhor escolha para o papel.

Percebemos ao longo dos ensaios que havia ainda outra necessidade. Precisávamos de um contrarregra para auxiliar em alguns momentos tanto no âmbito prático, como entrar e sair com alguns objetos cênicos, quanto no âmbito dramático, no desenvolver geral da trama. O meu personagem, o Jim, precisava de um assistente pessoal. Alguém para cuidar de sua agenda, lembrá-lo de cumprir seus compromissos, alcançar as coisas que ele pede, facilitar a sua vida como um todo, afinal, ele é a grande estrela e quer proporcionar o devido entretenimento que a platéia merece.

Precisa ser uma pessoa ágil, atenta, um resolvidor de problemas. Sempre disposto a dar o seu máximo para ser eficiente e pouco petulante. Para essa função chamamos nosso colega Júlio Estevan, meu contemporâneo de barra e amigo, com o qual já trabalhei antes em outros projetos. Assim, fechamos o nosso elenco.



Foto tirada depois do nosso primeiro ensaio na Qorpo Santo (Leonardo Koslowski)

Mesmo fechando nosso quarteto mágico, não havia necessidade da presença dos dois o tempo todo. Da parte do Maurício, decidimos que ele, interpretando Jorge Onássis, deveria receber o público, do lado de fora do teatro, sem revelar a sua identidade. Apenas distribuindo senhas e contando qualquer história divertida e maluca que desse na telha dele. E depois, na hora certa, que ele conduziria o público até o interior do teatro, faria os agradecimentos formais que escreveríamos para ele

e desejaria um bom espetáculo para o público. Feito isso, ele teria o tempo de duração da peça inteira para se montar como Drag, pois esse teria sido um dos últimos pedidos do falecido, ser enterrado in Drag.

Já da parte do Júlio, haveria momentos muito pontuais onde ele apareceria para dar alguma notícia, lembrar Jim de algum compromisso, colocar ou tirar algo de cena, servir uma cerveja. Momentos esses, que exigiam um certo estágio avançado do texto e das cenas para se saber exatamente quando seriam necessários. Dado a isso, em sua maioria, os ensaios seguiam somente entre eu e o Tiagão.

7 ABAIXANDO A CABEÇA E TRABALHANDO

Como já foi dito anteriormente, nós dois já fizemos algumas aulas e trabalhos juntos, então, acabamos nos utilizando de algumas referências que adquirimos em conjunto para explorar novas cenas e compor com o que já havia sido criado. Retomamos uma cena criada por nós, no ano de 2016 na disciplina de Atuação 4, a partir de exercícios de máscara neutra e de mimese do comportamento animal de Jacques Lecoq (1987). Era um trecho da obra “O Rinoceronte” de Eugène Ionesco (1959). Uma cena de embate, de encontro de forças opostas. De um lado o jacaré predador, pronto para a caçada diária, agressivo e expansivo, ameaçador. Do outro, um jacaré envolto ao lodo, aprisionado na sua própria passividade e na rotina que se apresenta diante dele, desesperançoso, porém resiliente.

Repaginamos a cena para ser parte do reencontro dos irmãos, mas de maneira bem dura. Sem muita explicação. Uma quebra brusca da cena anterior (que ainda não tinha sido criada) para um recorte da peça de Ionesco utilizando de seu próprio contexto e das relações das personagens Jean e Berenger expondo sua diferença de pensamentos e comportamentos até o momento em que Jean começa a se transformar em rinoceronte. O que é sucedido por uma nova quebra que traz a peça de volta para o aqui e o agora.

Precisávamos de bastante dinâmica, principalmente para o segundo ato, pois a resolução da trama deveria acontecer nele, ao mesmo tempo que o universo co-criado deveria ser apresentado e, isso tudo, somado à exposição da relação dos

manos no passado e no momento atual. Tinha que ser um ato fragmentado, citando o próprio texto da peça - “onírico, pseudo-surreal e, principalmente, livre” - o que era um grande desafio, todavia uma ótima oportunidade de pensar e trabalhar em pequenas cenas independentes umas das outras e como elas poderiam se conectar.

Nosso mote foi determinar momentos imprescindíveis para o desenrolar da história e dessa construção de passado compartilhado. Tinha que ter a cena do caminhão, na qual os irmãos relembavam a tamanha importância do automóvel na vida e relação dos seus pais e deles. A cena do carro do ovo, o primeiro momento de necessidade financeira no qual tiveram, mesmo que ainda crianças, trabalhar junto do pai para ajudar na renda de casa. Jim cantando para se aparecer para o seu irmão e para o público e depois cantando por saudades de seu pai. A cena do primeiro aniversário de James distante de tudo e de todos, triste e solitário, beirando a insanidade. O conflito e o confronto dos irmãos que, pelas mãos do destino, se separaram e sofrem por essa separação até o instante presente.

Para a criação desses momentos utilizamos de alguns exercícios conhecidos por nós, no intuito de trazer um constante estado de jogo entre os irmãos. Compreendo o conceito de jogo segundo Viola Spolin.

O jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência. Os jogos desenvolvem as técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo em si, através do próprio ato de jogar. As habilidades são desenvolvidas no próprio momento em que a pessoa está jogando, divertindo-se ao máximo e recebendo toda a estimulação que o jogo tem a oferecer. (SPOLIN, 2006, p. 4).

Para o primeiro momento em que os dois estão em cena simultaneamente jogamos a partir de uma caminhada circular mantendo o platô, que aumentava sua velocidade e resultava em um jogo de bolinha com objeto invisível. Só que, ao invés de jogar a bolinha invisível, James não consegue nunca se desprender dela, e seu peso vai aumentando gradativamente até obrigá-lo a ir para um plano baixo e segue o empurrando incessantemente. Em paralelo a isso, Jim se movimenta aflito, de mãos abertas, receptivo, como quem espera receber a bolinha e que se angustia cada vez

mais ao perceber a dificuldade que está sendo imposta à James. Uma atmosfera cheia de tensão se estabelecia.

Já para o momento da primeira conversa, de fato, dos irmãos, brincamos com a ideia de um jogo que conheci em uma oficina de palhaçaria ministrada por Fábio Castilhos em 2022, que consiste em olhar fixamente para o colega, porém, quando ele for olhar de volta deve-se desviar o olhar, de maneira que o olhar de ambos nunca se cruzem de fato. Criamos diversas partituras vocais e corporais para compor nossos corpos em cena. Exploramos em muitos momentos as energias concebidas por Arthur Lessac (1978), que ajudaram demais a construir estados bastante específicos dos personagens.

Tem uma cena, que se constituiu através de um desejo meu, de diretor. Por um bom tempo eu guardei e acumulei isqueiros vazios e pacotes de seda sem nada dentro. Tudo isso no intuito de, um dia, criar uma cena na qual um sujeito está no ápice de uma abstinência, desesperado, com apenas uma minúscula quantidade de maconha ou tabaco, e está em um ambiente abarrotado de pacotes de sedas vazios e isqueiros gastos enquanto sua missão é encontrar algo para enrolar aquela substância e depois achar um isqueiro com algum gás remanescente que lhe proporcione a possibilidade de tragar uma de suas prisões. Propus essa ideia ao Tiagão muito antes do ano de 2022, mesmo sem saber quando e onde poderíamos inserir essa experimentação. Adquirimos juntos, muitos pacotes de seda e isqueiros gastos com o passar do tempo, alguns dos isqueiros pertenceram a pessoas que não estão mais entre nós, que é o caso dos nossos queridos amigos Stéfano Deves e May Cyrne, que também tiveram sua jornada mundana e material encerrada. Ao inserir o contexto Jim & James nessa ideia de cena, ela se modificou. Não se tratava mais de um dia comum de um sujeito aleatório, mas sim, do dia do primeiro aniversário de James longe da sua família, sem nenhum amigo, repleto de dores e mágoas que gritavam, implorando para serem anestesiadas. O conteúdo que, na concepção inicial, se espalhava pela sala, agora estava todo contido em um balão surpresa preto, completado com bitucas e cinzas de cigarros e cartas de baralho.

Formamos um legítimo aniversário desgraçado. O aniversariante estoura o balão e passa a tentar extrair o que pode das bitucas de cigarro para fechar um novo.

Após conseguir, mal e porcamente, vai atrás de um isqueiro para acender. Ao falhar em encontrá-lo, faz um bolo com as bitucas no chão, coloca o cigarro recém bolado como vela do bolo e, então, o devora, colocando diversas bitucas em sua boca enquanto mastiga e canta parabéns para si mesmo. Obviamente não foi uma cena que ensaiamos *ipsis litteris* durante o processo. Em outras performances individuais o Tiagão já havia, mais de uma vez, conquistado a proeza de atuar enquanto enfiava dezenas de bitucas na boca. Para poupar à ele e ao nosso material cênico, fazíamos todo o resto da cena nos ensaios, para deixar tudo bem marcado, porém a parte de enfiar as coisas na boca ficou para as apresentações.



Aniversário Desgraçado (Gabriel Botelho)

8 RETA FINAL

Com a maioria das cenas já criadas, nosso foco se voltou para os detalhes da encenação. Símbolos, signos, elementos importantes, subtextos e significados. Nada deveria acontecer sem um motivo. Nada era colocado em cena sem o seu devido pretexto. Foi nesse momento em que notamos uma grande ausência da figura da mãe dessa família na nossa dramaturgia. Não é como se a personagem da Jaqueline não estivesse inserida em várias das histórias nem nada do tipo, mas, talvez por ser um tanto quanto difícil, para mim e para o Tiagão, lidar com mães mortas, havia ainda um certo distanciamento entre ela e os manos. Foi então que decidimos que a sua presença deveria se dar de maneira terna e afetuosa, como um abraço de mãe.

Criamos um gesto, a partir da música “A menina dança” dos Novos Baianos (1972), que consistia em simplesmente uma fechada longa de olhos. Que mais para a frente na peça, seria contextualizado para o público, como o símbolo da memória viva de Jaqueline nos corações e mentes de Jim e de James.

Dirigir, encenar, escrever e atuar pareciam ser o maior desafio do processo como um todo. No entanto, o que se mostrou ser o maior obstáculo foi a parte da produção. Tudo é muito difícil nesse âmbito. É preciso ter muita disciplina, organização, disposição para ir atrás de tudo que é necessário, dinheiro para arcar com os gastos, jeito para conversar com toda a equipe envolvida no espetáculo. E nem eu, nem o Tiagão, temos todas essas qualidades em abundância. O que acabou nos levando a precisar abrir mão de algumas coisas, como foi o caso da banda e, posteriormente, da ideia de um caixão de verdade em cena.

Demoramos para criar um material e entrar em contato com alguns possíveis apoiadores para a peça, por sorte conseguimos ser agraciados por alguns outros. Ficamos tão focados nos nossos ensaios e criações que deixamos para entrar em contato com nossa figurinista na semana anterior ao espetáculo. No fim acabamos recebendo apenas uma assessoria de parte dela em relação às roupas, que havíamos pré-concebido e, inclusive, na estreia ainda estávamos definindo peças das nossas vestimentas. O resultado final foi bem intencionado mas não chegou perto do que poderia ter sido se tivéssemos dado a devida atenção, no momento certo, a esse elemento. Pois havia ideais de indumentária muito bonitas, tanto da nossa parte, quanto da parte da Lu Trento, que foi a figurinista chamada para auxiliar.

A peça estava “pronta”. Entre aspas porque, além do fato de que uma peça nunca está pronta de verdade, pois é algo vivo que se molda e adapta ao longo de sua vida teatral, ainda havia uma grande questão a ser resolvida. Como a peça iria terminar? Ok, eu disse que queríamos fazer um velório em cena e convidar o público a participar. Mas como fazer isso? E depois disso, como encerrar de vez a peça? Como dar a entender que acabou? Esse questionamento nos levou a escrever a seguinte rubrica:

[...]Finalizam cantando Mãezinha do céu e convidando o público a subir ao palco. Sobem, assinam o Livro de presença, pegam uma flor e se posicionam em volta do caixão. Jimmy ajuda a conduzir as pessoas a repetirem as ações dos irmãos. Jim e James se olham e posicionam suas respectivas flores sobre o corpo do pai. Olham para as pessoas para que façam o mesmo. Iniciam conversas paralelas com os convidados, oferecem cachacinhas e aperitivos. O velório se estabelece no palco)

Opção de final número 1 - Deixar o jogo rolar entre os atores e os convidados e estender esse momento “*ad eternum*”

Opção de final número 2 - Deixar o jogo rolar entre os atores e os convidados e em algum momento Jimmy fala: “Peço atenção a todos. Em nome da família Onassis eu agradeço a quem pode se deslocar até aqui e se fazer presente nesse momento tão importante. Agora daremos seguimento com os procedimentos e o caixão será fechado. Peço para que permaneça no local somente os parentes restritos do seu Onassis para uma última despedida. Aos outros, não esqueçam de pegar suas lembrancinhas de falecimento na saída. Obrigado.”

(Caderno de ensaios do autor)

Em um dos nossos últimos ensaios foi que optamos pela melhor opção. Nada de **Opção de final número 1** nem de **Opção de final número 2**, o final precisava ser maior do que essas duas possibilidades. Nós flertamos ao longo do processo inteiro com o teatro absurdo, incorporamos diversas das suas substâncias em nosso trabalho, e não seria o final da nossa peça que se negaria a ostentar essa faceta tão linda da arte. O que melhor para finalizar o velório de Jorge Onássis do que ele próprio, em um lapso efêmero, rompendo as barreiras do espaço e do tempo, quebrando as finas e frágeis paredes da realidade, apresentando um de seus números performáticos preferidos? Ficamos com essa, a **Opção de final extravagante**.

Faltando cerca de duas semanas para a estreia, fizemos um ensaio aberto. Houve diversos momentos em que mostramos o que tínhamos para a minha orientadora, Ciça Reckziegel, e também para um que outro colega/amigo que ocasionalmente estava por perto durante algum ensaio. Mas esse momento de

“mostra” foi muito importante para ajustar os detalhes que faltavam antes da apresentação e, também, para termos noção do que estava chegando, de fato, no público. Quais suas percepções. Se criava empatia pelos irmãos e pela situação em que se encontravam. Se compreendiam tudo que lhes era dito. Nos foi apontado, principalmente, algumas questões de ritmo e intensidades. Pontos que buscamos afinar nos encontros restantes que tínhamos.

9 RESULTADO

As apresentações foram divididas em três dias. Quinta, sexta e sábado. Cada dia nos proporcionou uma nova experiência e sensações diferentes. Para a estreia tudo era novidade, era o dia que teríamos o primeiro retorno do público em relação àquilo que estava sendo feito e dito em cena. Focamos muito em dizer os nossos textos de maneira precisa e articulada, ter um bom volume de voz. Estar inteiros nos personagens e ter bastante consciência dos acontecimentos como um todo. Uma das nossas maiores preocupações, por assim dizer, era o final. A condução do público para o velório. Como será que seria recebido por eles? Será que viriam? Será que assinariam o livro de presença e nos dariam os pêsames? Era algo que nunca chegamos a ensaiar. Foi uma escolha nossa. Não queríamos abrir para ninguém essa experiência antes do momento certo. Me tranquilizo um pouco nas palavras de Rancière:

[...] palavras são apenas palavras. Romper com os fantasmas da Palavra transformada em carne e do espectador transformado em ator, saber que palavras são apenas palavras e que espetáculos são apenas espetáculos talvez nos ajude a entender melhor como palavras, histórias e espetáculos podem nos ajudar a mudar alguma coisa no mundo em que vivemos ” (RANCIÈRE, 2010, p. 122).

Preparamos o ambiente para ser atrativo, com flores distribuídas para as pessoas poderem prestar suas homenagens individuais ao seu Onáassis. Cachacinha artesanal

à disposição para “bebermos o morto” e celebrarmos a vida. Aquele friozinho na barriga, natural e gostoso, que nos acompanha sempre antes de entrar em cena, não deixou de se fazer presente no decorrer das apresentações.

As palavras companhia e companheiro vêm do Latim e significam compartilhar o pão. Se o artista está oferecendo determinada poética, deduz-se que o espectador receba essa poética e possa criar emancipadamente a partir dessa poética, mas que também entre em contato com aquilo que o artista lhe está propondo (DUBATTI, 2011, p. 6).



Público se despedindo de Jorge Onássis (Gabriel Botelho)

A estreia foi linda, porém faltou um pouco de ritmo. Tudo que deveria acontecer aconteceu. Os momentos mais engraçados funcionaram, os mais emocionantes também, as músicas ficaram legais. Mas tive a sensação de que poderíamos estar mais inteiros, com mais prontidão e resposta. Isso não impediu que as pessoas embarcassem com a gente na jornada e curtissem bastante nossas propostas. E o tão esperado final, funcionou perfeitamente, foi incrível. O público comprou muito a ideia de entrar no velório. Cumprimentaram, com pesar, os irmãos que os recebiam nesse momento tão sensível. Se despediram do nosso pai deixando flores em sua volta. Brindaram com a gente, tomando a cachacinha. E, por fim, deram muitas

risadas e cantaram junto, quando Jorge Onássis ressurgiu do pós-vida para executar a sua última performance.



Última performance de Jorge Onássis (Gabriel Botelho)

No segundo dia, a ideia era encontrar o ritmo perdido, que já tínhamos atingido diversas vezes nos ensaios, e dar atenção aos detalhes das falas e movimentações, um pouco mais de precisão. Nesse dia tivemos a ilustre presença de Júlio Reny, notório músico gaúcho, amigo do Tiagão, e que estava presente na trilha do espetáculo, especificamente na música em que Jim passa o microfone para o James cantar. Foi um momento muito especial de viver. Sei que para o Júlio Reny foi bastante emocionante e para nós, uma grande honra. No geral o espetáculo foi bem mais técnico. Executamos muito bem aquilo que nos propomos, fomos virtuosos. Porém nesse dia senti que não conseguimos nos conectar tão bem um com o outro e nem com os sentimentos necessários para trazer toda a carga emocional que a peça pede.

Para o terceiro dia, nossa última apresentação, juntamos tudo o que as vivências dos dias anteriores nos proporcionaram, observamos o que mais funcionou, o que menos funcionou e, por fim, trocamos uma ideia muito legal. A gente sabia tudo o que precisava acontecer, a gente sabia tudo que podia ser sabido pelos personagens. Todos os porquês de todos os elementos. Aquela peça era uma extensão da nossa vida e, até mesmo, da nossa amizade. O que deveríamos fazer estava muito nítido. Era entrar em cena e viver aquela história. Deixar que ela tomasse conta dos nossos seres individuais e nos metamorfoseasse no ser coletivo, que dá vida ao espetáculo. A verdadeira essência de Jim & James. Como diz Schechner, “A participação é uma forma de tentar humanizar a relação entre performers e espectadores. Esse processo transcende muito o que acontece no teatro. Não há melhor laboratório para tentar experimentar as diversas formas de respostas do que o intenso, microcósmico espaço teatral.” (SCHECHNER, 1994, p. 219). E aí foi o que foi. Aconteceu. Fomos agraciados pelas bênçãos dionisíacas e o peixe pulou para fora d’água, fez duas piruetas e um mergulho encantador. Não tenho muito o que falar sobre esse dia, ele simplesmente foi.

CONCLUSÃO

A sensação de dever cumprido, depois de toda a longa, árdua, repleta de perdas e difícil jornada, é algo que dá muito prazer. Faz parecer que valeu a pena. Essa escolha de caminho. Essa decisão tão absurda de fazer teatro. É tendo esse tipo de sensação que me dá vontade de continuar. Fazer teatro não é nem um pouco fácil. Muito pelo contrário, é uma trajetória bem espinhosa. Mas ela se faz possível ao perceber que temos outros que, assim como nós, também amam o que fazem e vão continuar fazendo a qualquer custo. Nós não estamos sozinhos. Teatro é coletivo. É para alguém e com alguém.

O significado original do teatro refere-se como sua concepção com o jogo social – jogado por todos e para todos. Um jogo em que todo mundo é jogador – atores e espectadores. Os espectadores são envolvidos como co-jogadores. Nesse sentido, o público é o criador do teatro. Assim, muitos participantes constituem o evento teatral mantendo sua natureza social que não pode ser perdida. O Teatro sempre produz uma comunidade social (HERMANN 1981, p. 19).

Eu quero ser como a locomotiva
Para atropelar você
Fazendo tchuc, tchuc, tchuc, tchuc, tchuc, tchuc... tchiuí
Por todos os campos, em todos os cantos
Vendo as flores a nascer

Eu quero ser como um gato do mato
Que vive só miando
Fazendo miau, miau, miau, miau, miau...
Chorando acordado, chorando dormindo
Chorando cantando

Eu quero ser como um triste vampiro
Voando pela cidade

Fazendo vum, vum, vum, vum, vum, vum, vum, vum...
Com minha capa sombria, com a mente tão fria
Atrás da felicidade

Eu quero ser como a serpente da água
Que vive só na mágoa
Fazendo piss, piss, piss, piss, piss, piss, piss...
Comendo a uva, bebendo a chuva
Que do céu deságua

Eu quero ser como um telefone de plástico
Pra ligar só pra você
Fazendo trrrim, trrrim, trrrim, trrrim, trrrim, trrrim...
Alô, alô, quem fala? É o meu grande amor?
Vou saindo pra te ver

Eu quero ser como uma tv colorida
Pra mostrar todas as cores
Fazendo miummm, miummm, miummm, miummm...
Num programa de beijos, de loucos desejos
E de loucos amores

Eu quero ser como um chiclé de bola
Pra estourar na sua boca
Fazendo ploft, ploft, ploft, ploft, ploft, ploft...
Vivendo contente, grudando no seu dente
Ai, que coisa mais louca

Eu quero ser como um carro de praça
Levando a multidão
Fazendo fón, fón, fón, fón, fón, fón... rrrrrr... fón, fón...
Com o corpo cansado, com o breque quebrado
Na avenida São João

Eu quero ser como um riso de amor
Na boca de um anjo

Fazendo hã, hã, hã, hã, hã, hã, hã, hã, hã...
Em cima das nuvens, ao lado de Deus
Tocando o meu banjo

Jorge Mautner

- Em memória de Silvia e Vera -

REFERÊNCIAS

BOGART, Anne. **A preparação do diretor**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BROOK, Peter. **The Empty Space: A Book About the Theatre: Deadly, Holy, Rough, Immediate**. New York,: Atheneum, 1968.

ESSLIN, Martin . **O Teatro do Absurdo**. RIO DE JANEIRO: ZAHAR EDITORES, 1968.

GALVÃO, Luiz; MOREIRA, Moraes. **A Menina Dança**.Novos Baianos; Acabou chorare. Produção: Eustáquio Sena. Bahia: Som livre, Estúdio Somil, 1972. Disponível em <https://youtu.be/mlm_Slw2Ynl>

IONESCO, Eugène. **O Rinoceronte**. RIO DE JANEIRO: NOVA FRONTEIRA, 2012.

LECOQ, Jacques. **O corpo poético**: Uma pedagogia da criação teatral. 1. ed. SÃO PAULO: SENAC SÃO PAULO E EDIÇÕES SESC SP, 2010.

LEHMANN, Hans-Thies. **Teatro Pós-Dramático**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LESSAC, Arthur. **Body wisdom**: the use and training of the human body.. NEW YORK: NY: Drama Book Specialists, 1978.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Urdimento, v.15, 2010, p. 107-122.

RENY, Júlio. **A Primavera do Gato Amarelo**. Produção: Sonopress Brasil. Porto Alegre, Vento Sul, 2017. Disponível em <<https://youtu.be/t0l2BzplvFs>>

SABBATH, Black. **Black Sabbath**. Produção: Rodger Bai. Reino Unido, Vertigo, 1970. Disponível em <<https://youtu.be/YztzNyDGcpc>>

SCHECHNER, Richard. **Performance studies: an introduction**. 3. ed. New York: Routledge, 2013.

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais**: o fichário de Viola Spolin. 1. ed. SÃO PAULO: Perspectiva, 2006.

WEISS, Peter. **Marat / Sade**: Perseguição e Assassinato de Jean-Paul Marat. SÃO PAULO: ABRIL, 1977.

ANEXOS



Cartaz da Peça (Jean Pierre Kruze)



Imagens usadas para divulgação via stories (Ciça Reckziegel)



Preparação da Equipe antes da estreia (Gabriel Botelho)



Lembrancinha do Velório de Jorge Onassis (Cláudia Carvalho)

Lista
de
Presença

JIM
&
JAMES

15/10/22
VELÓRIO DE JORGE ONASIS
Sala Corpo Santo

NOME:

- Jim Onassis
- Elisete Onassis
- Claudio Carvalho
- Adão Augusto Dias
- Gabriel Coralli - Meus mais amados pesados!
- Marlene Feres
- Mathews S. Benfoni
- Caelia Vianna
- Hugo Gustavo S. Mouta
- Bárbara Rompp
- Bárbara Auler
- JF STIFF
- Stephanie de Souza
- Humberto Pereira
- Miruama Strait
- Anderson Wikski
- Ana Rodrigues
- Janeline Cavaleiro
- Jasmalva Celega
- Tássia S. Silva
- J. P. B. L.
- Guilherme

- Marcelo Vieira
- Marlon V. Dias
- Guilherme Fortes
- Romilda S. Kowalski
- Gabriel Machado
- Jorge Luis Bastiani
- VICENTE VARGAS
- Rodde Molezzi
- Daniel Rodrigues
- Sabrina Pires
- Mathews Rodrigues
- emilio lenhart
- Matheus G.
- Raunara Figueirista
- Alayane Moreira
- Fátima G. L.
- Quaresma Benedito
- Chico de Amor
- Gisela Harby
- ~~Luiz Carlos~~
- André Luis de Sá
- Max Silva
- MARIANA R. L. COSTA
- Yvande Patrícia Daltro Gomes
- ~~Luiz Carlos~~
- ~~Luiz Carlos~~
- ~~Luiz Carlos~~
- ~~Luiz Carlos~~
- Douglas N. W. P.

Lista de Presença do Velório com as assinaturas do último dia (Leonardo Koslowski)

Peça Jim & James na íntegra:

Jim & James

Personagens:

Jim - Leonardo Koslowski

James - Tiago Schmidt

Jorginho Onassis - Mauricio Strazulas

Jimmy - Júlio Esteban

Direção e texto - Koslo & Smith

ATO I - A LIGAÇÃO

(Jorginho Onassis, sem entregar sua identidade, recebe o público do lado de fora do teatro. Executa pequenas ações e diálogos com os presentes. Encaminha-os para dentro do teatro. Ao adentrarem, James está no palco, introspectivo, focado em seu trabalho. Jorginho instrui as pessoas a sentarem e dá o serviço da peça. Deixa o chapéu no palco e sai de cena.)

James - Décima sétima faca. Dezessete facas finalizadas em 8 horas e 35 minutos. Ninguém produz mais que dez facas em um turno semanal normal de 10 horas. E agora tenho 25 minutos sobrando pra fazer o que eu bem entender. Eu caminho 18 quadras toda manhã de sábado. Na décima-nona quadra acendo um cigarro. Fumo da décima-nona à vigésima-oitava quadra. Entre a vigésima-nona e a trigésima quadra eu apago meu cigarro, guardo na minha caixinha de bitucas, porque eu não jogo bitucas no chão, porque eu não fumo durante o meu horário laboral. Eu levo meu trabalho a sério. Às vezes eu viajo que não existem câmeras aqui na empresa, e também, ninguém reclama de quem finaliza 17 facas em 8 horas e 35 minutos. Tenho ainda 20 minutos, já ganhei 385 dólares, e até ganhar meus 400 dólares posso ser o que eu bem entender. Posso até fazer a pose da Rainha das Piscinas.

(Telefone toca)

James - Koslo & Smith wood and metal corporation, from winnipeg, Canada, from us for you, how can i help you? Só que não! Hoje é sábado e eu já caminhei 18 quadras, acendi meu cigarro na décima-nona, fumei da décima-nona a vigésima-oitava quadra. Entre a vigésima-nona e a trigésima, eu apaguei o meu cigarro e guardei na minha caixinha de bitucas. Porque eu não jogo bitucas no chão. Porque eu não fumo no meu horário laboral. Porque o meu trabalho é sério. Faltam 10 minutos e eu já ganhei 389 dólares. E agora eu posso ser e fazer o que eu bem entender até bater meu ponto e os 400 dólares cantarem na minha conta. Cantar não James, você não sabe cantar. Não James, você não sabe cantar. Mas eu gosto mesmo é de chupar limões. Todas as manhãs. De 8 a 15 limões. Sem faca, estraçalhado com os dentes. Sentindo a acidez tornando-se alcalinidade no estômago. O corpo humano é interessante. Ácido em excesso gera uma sensação de alcalinidade. Relações inversamente proporcionais.

(Telefone toca)

James - Koslo and Smith wood and metal corporations, from Winnipeg, Canada, from us for you, how can i help you? Só que não! Hoje é sábado. Além do que existe o atendimento virtual.. Até poderia ser um cliente milionário querendo um modelo específico, e eu poderia ganhar 700 dólares para executar essa tarefa no domingo. Só que não! Gosto de limões. Gosto de doar isqueiros com mais de 3500 riscadas. O gás dura entre 3700 e 3850 riscadas da pedrinha do isqueiro. Então é um presente

que logo se extingue. Eu também gostava, na adolescência, de dar colírios com água ao invés do conteúdo. Puro placebo. Vermelhidão, na verdade, ninguém percebe. 1 minuto pra fechar o turno, 399 dólares.

(James bate o seu ponto, ao se encaminhar para a saída o telefone toca novamente. James sai atordoado)

BLACKOUT

(Perseguidor encontra Jim no fundo do palco. Ele está de costas. Acende um cigarro e fuma enquanto faz uma ligação com um celular. Após chamar algumas vezes, desliga, joga o cigarro no chão, estala os dedos 4 vezes. Música)

“Vai começar 3x

Abram os seu olhos para observar,
Preparem seus ouvidos para escutar,
Essa triste história que eu vou lhes contar,
Sobre dois irmãos que hoje vão se encontrar;

A data é propícia *prum* encontro de família,
O velório do pai, ai ai, que maravilha,
E pra melhorar minha situação,
Já faz mais de 15 anos que eu não vejo meu irmão;

A nossa relação é meio conturbada,
Da vida um do outro não sabemos quase nada,
por muito anos nossa comunicação,
foi trocar fotos fumando um *baseadim*;

Sobrou pra mim, essa missão,
Falar da morte do meu pai *praquele* sem noção,
Tentei ligar, ele não atendeu,
Mas ele tem que vir pra cá, isso não vai ser só problema meu.

Eu sigo aqui tentando fazer contato,
e nesse meio tempo eu já assinei mais um contrato,
Queremos audiência, queremos comoção,
mas eu não abro mão da minha remuneração;

Uma *publi* aqui, comercial ali,
e no final do mês sai um *reality*
Declaro agora a peça começou,
Muito prazer meu nome é Jim, eu sou o dono desse show!”

Jim - Muito boa noite. Agradeço imensamente a presença de vocês. Pra quem ainda não sabe, o que eu acho difícil, eu me chamo Jim. Hoje é uma data muito importante!! Quem prestou atenção na letra da música já entendeu. Hoje é o dia em que eu vou enterrar o meu pai! Mas não sem antes reencontrar meu irmão, que eu não vejo há anos! Olha que maravilha!!!! Tudo de bom!! Foi por isso que eu convidei todos vocês. Meus fãs! Para estarem comigo nesse momento tão difícil. Eu preciso da força de cada um de vocês! Faz uns 15 anos que eu não vejo ele. Eu fico pensando... O que será que eu vou fazer quando a gente estiver cara a cara? Será que vou dar um abraço? Será que vou.. (menção de soquinhos) Não sei...Ele foi embora eu ainda era adolescente mas já tava muito ocupado protagonizando novelas e cantando em programas de auditório. A gente se dava muito bem... muito bem mesmo, o problema fo- (interrupção)

(Jimmy entra)

Jimmy - Com licença senhor, desculpe interromper ma-

Jim - Jimmyyy não está vendo que eu estou tendo uma conversinha amistosa com os meus convidados??

Jimmy - Eu peço perdão senhor, mas os executivos da Paramount entraram em contato. Eles querem que você estrole o próximo filme.. Parece que quem vai dirigir é o Michael Bay.

Jim - Se dobrarem o cachê eu faço

Jimmy - Eles ainda nem falaram de valores...

Jim- Quando falarem, tu fala o que eu acabei de dizer!

(Jimmy sai)

Jim - Perdoem a interrupção.. onde a gente tava mesmo?? Ah sim! Uma data especial. Enterrar o meu pai e rever meu irmão. Enterrar o meu pai e rever meu irmão. Enterrar o meu pai e rever meu irmão!! Era esse o assunto! Eu amava meu pai, sabe.. eu só me tornei o que eu me tornei por causa dele. Claro, minha mãe sempre me deu todo o apoio do mundo, mas depois que o James foi embora e ela faleceu, o pai realmente se esforçou pra que eu alcançasse o mundo. E eu alcancei! Vocês são a prova disso. Vocês são parte da minha conquista. É por causa de vocês que eu existo e é pra vocês que eu vivo! Acende a luz da platéia pra mim! Nossa... Vocês são tão lindos... Como é que é o teu nome?? Eu te amo viu?! E tu, como te chama? Também te amo! Amo todos vocês. Eu sei que pode ter alguns de vocês que ficam meio nervosos com as luzes acesas, fiquem tranquilos que eu não vou chamar ninguém

pra subir no palco. Ninguém vai ficar exposto aqui. Eu só queria dar uma olhada na carinha de vocês!! Pode desligar a luz desses fofos. Eu gosto disso sabe... Me faz sentir mais próximo de vocês. Eu quero ser um divo acessível! Inclusive, se vocês quiserem, no final nós podemos fazer um Meet and Greet e uma pequena sessão de autó- (interrupção)

(Jimmy entra com um violão)

Jimmy - Com licença senhor, desculpe a intromissão mas o assunto é importante. O Boninho acabou de ligar pra cobrar aquele stories divulgando o Especial Jim canta Roberto. Ele falou que se não postar logo ele vai chamar a Anitta pra fazer o programa.

Jim - Me dá isso aqui! (pega o violão) Vamos fazer isso de uma vez então. Só um segundinho. (canta um trecho de Além do Horizonte e divulga o Especial Jim canta Roberto enquanto Jimmy filma) - Deu, ficou ótimo. Edita e posta logo. E toma, deixa o violão ali no canto que eu uso ele numa outra cena mais pra frente.

(Jimmy posiciona o violão no pedestal e sai)

Jim - Peço desculpas novamente, mas tem alguns jobs que não dá pra perder né.. Quando o "Rei" Roberto partir dessa pra uma melhor, esse princeso aqui vai assumir as pickups. Mas então, retomando galera. Vamos direto ao assunto. Vocês já viram dragon ball? Sabem quando o Goku precisa enfrentar alguém bem mais forte que ele e prepara uma Genki Dama? Pros leigos, eu to falando de um personagem de um desenho de lutinha japonês, famoso "Anime" que em algum determinado momento enfrenta um adversário absurdamente mais forte do que ele e pra não dizer que tirou força do cu pra derrotar esse inimigo, ele pede a energia de todos os seres vivos do universo pra fazer uma puta bola gigante pra desintegrar todas as moléculas do coitado que ousou cruzar o caminho dele. É isso que eu quero que a gente faça aqui!!! Nesse momento eu sou o Goku e preciso da energia de todos seres do universo pra enfrentar um grande inimigo. É super fácil pessoal. Eu vou parar aqui, bem no meio do palco, vou dar um textinho e quando eu levantar as mãos vocês levantam junto. Não tem como errar, é a deixa mais fácil do mundo!! Tá bom? Vamos lá então! - (Vai até o meio do palco) - SERES DE TODO O UNIVERSO, EU PRECISO DA SUA FORÇA. EU PEÇO, POR FAVOR, PRA QUE ME TRANSFIRAM UM POUCO DE SUA ENERGIA PRA QUE EU CONSIGA ENFRENTAR TODO O PERIGO E O CAOS. AAAAAAAAHAH - **(levanta as mãos)** - ISSO! ISSO!! ISSO!!!!

(Jimmy entra)

Jimmy - Com licença senhor. Vim te avisar que já entramos em contato com James. Seu irmão já está num voo vindo pra cá. **(Se aproxima de Jim e retira o seu blazer)**

(Jimmy sai)

(Jim fica de olhos fechados desde a entrada de Jimmy até a sua saída)

Jim - É, chegou o momento. Não tem mais volta. O segundo ato vai ser o reencontro dos irmãos em um bar, antes do velório. Esse ato não segue nenhum tipo de regra dramaturgica, cronológica ou lógica. Se passa em um tempo e espaço próprio, onírico, pseudo surreal e principalmente, livre.

ATO II - O BAR

(Sabbath Bloody Sabbath. Jim parado à frente do palco. Entra James. Se olham e iniciam uma caminhada rápida circular que logo se torna uma breve corrida. James faz menção de arremessar uma bola imaginária para Jim, que se prepara para receber. A bola se torna cada vez mais pesada na mão de James e ele vai cedendo ao seu peso. Jim o circula cada vez mais angustiado por não poder fazer nada a não ser esperar o arremesso que nunca vem. James no chão se arrasta para um canto e torna-se jacaré enquanto Jim, também jacaré, caminha pelo palco em um percurso até chegar ao fundo. James pula três vezes em direção ao centro do palco. Se olham)

James - Sempre atrasado Bérenger, é claro! Nós tínhamos marcado às onze e meia e já é quase meio dia.

Jim - Desculpe Jean. Você está me esperando há muito tempo?

James - Claro que não, acabei de chegar como você bem viu. Como você nunca chega na hora, eu chego atrasado de propósito pois não tenho tempo a perder. Ajeite essa postura Bérenger, você está todo amassado, repleto de pó da noite. Você lembra de quando dava aulas dominicais de assovio para as crianças da paróquia Nossa Senhora de Lurdes? Como era o assovio?

(Jim assovia)

Jim - Escuta Jean, eu não tenho nenhuma distração, a gente se aborrece nessa cidade, não fui feito para o trabalho que faço. Não consigo me habituar.

James - O homem superior é aquele que cumpre o seu dever. Brrrrrrrrrrrrrrrrrr

Jim - O que é isso Jean? Você está bem? Quer que eu chame um médico?

James - Os médicos inventam doenças que não existem!

Jim - Pode ser até que inventem, mas eles curam as doenças que inventam.

Jim - Ele fazia questão de dar um nó na cabeça dos atendentes e de tirar aquele sorriso sincero dos velhos cachaceiros do bar. Já analisava rapidamente quem estava com o martelinho vazio no balcão - estala os dedos -

Jim & James - “Uma dose de pingola para esse elegante senhor!”

Jim - *(para a plateia)* Contextualizando pessoal, essa era a maneira que o velho Jorginho Onassis se referia ao diminutivo de Pinga - Pingola - Pingolinha - *(volta para a cena)* Senta aí James, vamos pedir aquela cerveja. Jimmyyyyy!

(entra Jimmy com as cervejas)

Jim - Percebe James, a eficiência e a ausência de petulância do menino?! Eu ensinei pra ele 6 das 14 formas de abrir cerveja que o papai costumava usar.

James - Obrigado

Jim - Tá, vai, vai.

(Jimmy sai)

James - Como é difícil Jim, a gente beber sem ter motivo nenhum pra brindar. (vira o copo) É um gole seco, sem brinde. Mas como é que foi mano? Os momentos finais. Eu vim pensando em tudo isso. O pai tava morando ainda na nossa casa meu? Bah que saudades de pisar naquela casa...

Jim - Pois é, tava morando lá ainda sim.. Ah foi aquela coisa né... sabe como é que câncer, mas... Eu acabei não te falando... nos últimos meses ele... eu.. eu to desenvolvendo um projetinho aí que eu acho que vai estourar. Eu vou desempoeirar o Rock and Roll. Tirar os discos velhos das gavetas e trazer ele pras redes, pras massas, pras mídias. Eu quero ver adolescentes idiotas criando dancinhas em cima dos meus heavy metals. Velhos clássicos repaginados com a voz de Jim. A minha voz. A receita pro sucesso.

James - Bah que legal mano. Olha só, tu poderia também incluir grandes nomes do rock gaúcho. Da cena dos anos 80. Pra valorizar nossa cultura local.

Jim - Éééé, James, não é bem essa a proposta...

James - Pô Jim, tem o Júlio Reny, Expresso Oriente, Replicantes, Taranatiriça, Cascaveletes, TNT, Nei Lisboa...

Jim - Tá, tá, tá, o Jimmy vai anotar esses nomes e mais tarde eu penso se uso ou não. Por enquanto eu vou te dar uma palinha do que eu já tenho.

(música Heaven and Hell. Enquanto isso, James acende duas velas e brinca de apagá-las com colírio. Quando apagam, reacende-as. Repete a ação até o fim da música.)

Jim - Cara, o que tu tá fazendo?? Que que é isso?

James - Jim, tu sabia que quando eu era criança eu pegava os barbantes plásticos de varal da mamãe e queimava a ponta deles com um isqueiro até derreter? Eu gotejava aquele foguinho dependurado da sacada do quarto frontal da nossa casa. Eu conseguia matar de 7 a 12 formigas por minuto. Pela área e volume do formigueiro, eu conseguiria destruí-lo em 3 meses. Mas na vida a gente tem muitas variáveis e intempéries. Chuva, ausência de matéria prima, o fio plástico, isqueiro que acabava de 3700 a 3850 riscadas... Mas eu não era um assassino... Eu matava formigas... E aquele frondoso pé de Azaléia do quintal não merecia a invasão das formigas. Enquanto tu cantava eu caminhava pela casa e, parece que eu te enxergava no colo barrigudo do pai no sofá, enquanto mamãe e eu dançávamos como plateia. E parece até que essa plateia era maior. E num determinado momento imaginei até um grande aplauso, de uma plateia lotada.

Jim - Bah, o pai adorava mesmo esses rock clássicos. Acho que eu só aprendi a cantar porque ele gostava de me ouvir cantando. A gente ouvia muita fita boa naquele radinho dele. Pra onde ele ia, levava aquele troço. Era o item número 1 em todas as viagens no caminhão...

(se olham)

Jim & James - O caminhão....

(começam a montar o caminhão)

James - O caminhão sempre foi a minha segunda casa, na verdade até a primeira.

Jim - Sim né James, pelo que vocês me contaram, teus primeiros 5 anos anos foram dentro desse caminhão. Ninguém sequer imaginava qual era a tua naturalidade. Porque, certamente, o pai parou pra abastecer em alguma cidade aleatória, a bolsa da mãe estourou, tu teve que ser puxado por uma parteira local e 3 dias depois já estavam na estrada de novo.

James - Além do que, se não fosse esse caminhão não existiriam nem Jim nem James. Todo mundo sabe da história. Papai comprou o caminhão e começou a fazer suas primeiras viagens. Lembrou da sua namoradinha da adolescência, que estava em vias de terminar o magistério, estacionou o caminhão na frente da casa dela e soltou aquela buzina.

era bom. Tu sempre foi o cara das exatas. Excelente com os números. Uma calculadora ambulante. Tanto é que virou matemático. Trabalhou em banco. Sempre deixou claro que é disso que tu gostava. É claro que o pai iria gostar de te ver anunciando o carro do ovo depois que ele precisou vender o caminhão. Mas a tua ajuda na parte financeira foi imprescindível. Ele e a mãe fizeram de tudo pra nos dar condições de viver legal. Nunca faltou nada. Ele sempre falava: “A gente dá um jeito. Uma reboladinha aqui, uma reboladinha ali. A gente dá um jeito.”

James - Que saudades do velho.

Jim - Eu não sei se eu vou sentir falta dele..Eu não sei se vai fazer tanta diferença, sabe? Quantas vezes a gente se viu nesse último ano? Quantas vezes eu realmente parei pra pensar se ele estava bem, se tava feliz. Às vezes eu lembro da nossa mãe e me sinto mal. Me sinto mal porque nunca tenho vontade de chorar. Eu já chorei muito. Já te culpei muito(volta-se a James). Hoje eu não penso nisso. Não penso em ti. Não penso nela. Nem nele eu pensava. Quer dizer.. Hoje eu tenho pensando muito nele, nesses últimos dias no caso. Acredito que nos próximos também. Mas quanto mais próximo, mais eu penso e quanto mais distante é ao contrário. É assim que funciona comigo. Foi assim que funcionou com a gente. Amanhã ou depois de amanhã tu vai ir pro aeroporto, pegar o teu avião, vai voar de volta pra tua casa, com a tua família, teus amigos, teu trabalho e a porra toda e isso aqui não vai mais existir. E que bom na real. Porque se continuar existindo vai ser ruim. E a verdade é que a próxima vez que a gente for se ver, vai ser no meu, ou no teu velório, pro azar de quem morrer por último.

(Foco de luz no violão. Música Naquela Mesa. Em algum momento desmonta o caminhão e remonta o bar. James “orando” para as duas velas acesas. Jim se enfurece.)

Jim - Que palhaçada é essa que tu tá fazendo? Vai dizer que tá rezando pelas almas do nosso pai e da nossa mãe... Só assim mesmo pra eles terem um pouquinho da tua atenção. Quanto tempo faz mesmo que tu não vem pra casa? 10 anos? 15 anos? A mãe morreu e eu duvido que tu tenha acendido uma vela no Canada... Porque mesmo que tu fugiu? Que crime hediondo foi esse que tu cometeu que depois de ser preso teve que se esconder a 9969 quilômetros de distância daqui? Até o nome no teu passaporte ta diferente. Tu achou que eu não perceberia? Eu que paguei a tua passagem!

(Jim torna-se narrador)

Jim - 15 de outubro de 2008. Há 14 anos atrás, James estava completando seu primeiro aniversário no Canada. Completamente sozinho. Com vocês: “O aniversário desgraçado de James” **(sai de cena)**

(Cena Aniversário Desgraçado)

Jim - MANDRAKE JAMES! - ***(entra e olha a bagunça. Acende um cigarro)*** - Jimmy, limpa essa bagunça.- ***(entra Jimmy e começa a limpar)*** - Desgraçado mesmo... Desgraçado mesmo.... Liberado James. Tu é um desgraçado mesmo. Tu não tava aqui quando eles foram embora. Tu não se importa com nada e nem com ninguém!

James - John Mckenzie...John Mckenzie... 7 de Junho de 2007, 4h27 da manhã.Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.Um reles funcionário público bancário James Onássis dormia tranquilo o sono mais sossegado, de um trabalhador íntegro. PAH PAH PAH PAH. . – Polícia Federal. Mão na cabeça. – E o mijo escorreu perninha abaixo. – Você tem o direito de ficar calado e aguardar o seu advogado.-- 2500 cheques com a assinatura de James Onassis perfazendo a quantia de 50 milhões de reais que caíam no paraíso fiscal nas ilhas caimã, e depois praticamente revertiam vezes 3 para parar na Espanha. Limpeza de dinheiro de uma máfia política. James Onássis preso. Nos 45 dias de cadeia somente mamãe foi me visitar. Eram dias frios. Até que graças a uma perita técnica da Polícia Federal, atestou que NENHUMA, NENHUMA das 2500 assinaturas de NENHUM cheque tinha a possibilidade de ser de James Onássis.Uma questão científica. E James Onássis entrou no programa de proteção do governo, e foi parar a 9969km de Porto Alegre, em Winnipeg no Canadá. Pois toda a sua família corria risco de vida, ele corria risco de vida. Programa de proteção a testemunha.

James: Sabe Jim, eu sou um desgraçado mesmo. Até em um país de língua inglesa, onde eu seria chamado pela minha graça, de JAMES (pronúncia “americanizada”), porque no Brasil sempre foi James(pronúncia como se lê), Jeimes, Radamés, Jeiglert, Jaquo, eu tive que ser chamado de John Mckenzie. Mas eu te perguntaria, Jim.. Qual foi a melhor e a pior sensação que tu já teve na tua vida?

(silêncio)

James: Jim, tu já pegou escabiose, a vulgar sarna humana? É um aracnídeo microscópico, invisível a olho nu, e no entanto, machuca, abre canais epidérmicos, dilacera, tritura, arde, coça. É a pior sensação, é horrível, angustiante. Um corpo sarnento não dorme, não pensa. É só coceira, só dor. O alívio é a melhor sensação. É inimaginável, é frescor. Perimetrina. Só que na cadeia demora pra se arrumar esse remédio, é caro, e quem não recebe visitas e não tem grana perece, tatua seu corpo com buracos escavados por mini-aracnídeos.

Jim: Olha James, o que eu vou te falar pode parecer até meio clichê... A melhor sensação é a cocaína cara. Ahhhhhh, delícia. Super seres. Energia pura. Agitação, falação, gente animada. Bebida, barulho, cigarro, pó, farra. Por quanto tempo eu tinha

controle? Quando eu perdi o controle? Quando essa droga diva do capitalismo, da noite, da sociabilidade, tomou conta da minha sanidade, da minha capacidade de interpretação da minha própria vida, e daqueles que me amavam. Mas eu não me amava, não gostava mais de nada e ninguém. Era usar pra ficar mal, usar pra tentar morrer, pra parar de usar, pra parar de sofrer, pra dar um basta.

(Jim se dirige a plateia)

Jim - A pior sensação da minha vida foi a perda de quem eu amo.

James - Definitivamente.

Jim - James, obrigado por ter vindo. Obrigado mesmo. Desculpa ter te colocado nesse lugar de ódio, de remorso, de raiva. Eu to realmente feliz de estar aqui contigo hoje mano. E eu até que gostei daquela tua ideia de mais cedo. Dos Rocks gaúchos. Se tu fosse escolher um, o mais incrível, que mais te representa, qual seria?

James - Segundo Fim, do Júlio Reny. Tu vai cantar pra mim?

Jim - Não James, eu vou tocar. Tu vai cantar pra gente. Abre teus olhos James. Enxerga essa plateia. Tu ta aqui pra ser visto. Eu vou tocar e o microfone é teu.

(James vê a plateia. Música Segundo Fim)

(Entra Jimmy)

Jimmy - Eu peço perdão pela interrupção senhores, sinto muito, muitíssimo mesmo. Fui informado de que o corpo do seu Onassis já foi preparado para o velório. Assim que os senhores autorizarem, irei liberar a entrada dos convidados. Com licença.

(Jimmy pega o violão, o microfone e sai. Os irmãos se colocam no proscênio. As cortinas se fecham)

James - Jim, a gente vai ter que ser forte. Lembra quando a gente ia acampar? Tu era um bebezinho ainda. E a gente tinha aquela fogueira no acampamento, papai com as suas cantigas de viola. Aquele espetinho na brasa. E mamãe olhou um dia, subiu na colina e nos disse: –Toda vez que vocês estiverem em perigo, toda vez que vocês estiverem em algum momento de aflição meus filhos. Sozinhos, com medo, sem ninguém. Vocês fechem os olhos e lembrem da mamãe dançando com a sombra da fogueira na colina.

(Música “A Menina Dança”)

ATO III - O VELÓRIO

Jim - Gente!

James - Pessoal!

Jim - Pessoal!

James - Gente!

Jim - Chegou o momento pessoal. Nós passamos por tudo isso juntos, desde o início até agora. Eu sei que eu falei que não ia chamar ninguém pra subir no palco, mas eu menti. Eu faço isso às vezes, é algo que eu to tentando...

James - Gente, a gente tem só a agradecer a vocês. Porque nesses momentos de perda, a gente precisa de um abraço, de um carinho, de um olhar amigo. Então, a gente pediria pra que, nesse último momento, o velório do nosso papai Jorginho Onáassis, que cada um pudesse subir aqui e nos dar essa força. A gente pede que também assinem o livro de presenças do velório, que será algo que a gente jamais esquecerá.

Jim - Após assinar, não se esqueçam de pegar a sua lembrancinha do velório. Tá tudo aqui em cima. Assina, pega, guarda com vocês pra terem sempre a memória do nosso pai junto com vocês.

(Abre a cortina e surge um caixão com o falecido Jorge Onáassis vestido de Drag Queen. Ao lado o livro de presença e uma cesta de flores. Os irmãos assinam o Livro de presença, pegam uma flor e se posicionam em volta do caixão, se olham e posicionam suas respectivas flores sobre o corpo do pai..Olham para as pessoas para que façam o mesmo. Jimmy ajuda a conduzir as pessoas a repetirem as ações dos irmãos. Iniciam conversas paralelas com os convidados, oferecem cachacinhas e aperitivos. O velório se estabelece no palco)

(Após alguns minutos começa a tocar “Meu sangue ferve por você”, do Sidney Magal e Jorginho Onáassis ressurgem dos mortos e fazem sua última performance de Lip Sync jogando com todos os convidados do seu próprio velório)

FIM